

Correio das Artes

Ano 1 Número 30 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 16-10-1949



DESENHOS DE LIVIO ABRAMO

PRESENÇA DE VALÉRY

FRANCIS MIOMANDRE

Não pude comparecer às festas que se realizaram em Sete, tão belas e cordiais, tão solenes e familiares. Jamais me será possível manifestar quanto estimei a sua efetivação e como lamentei não ter podido estar presente. Porque, quando pensamos na ingratidão de que, em geral, são vítimas os homens de pensamento ou de coragem que honraram a sua pátria, só teremos que aplaudir a atitude contrária...

Nada mais consolador do que homenagens como estas. Por certo, que a glória é "o sol dos mortos", mas, em todo o caso, é um sol, e de que modo nós, que nada sabemos da vida das "sombras", ousaríamos pensar que elas sejam insensíveis ao desgosto de verem esquecido ou ignorado o nome que usavam na terra, sobretudo se, quando viúvas, já não tivessem recebido o seu quinhão de raios de luz? Paul Valéry, pelo menos, não sofreu essa injustiça. E, com um pouco de boa vontade, eu o imagino presente àquela festa, assistindo a colocação

da placa na casa em que nasceu, ouvindo a conferência pronunciada sobre a sua obra, alegre e espirituoso conviva no banquete em sua honra, folheando, com um ar divertido, não sem um certo sabor cáustico, os desenhos, autógrafos, livros e documentos diversos expostos no museu da cidade. E' que não posso me habituar ao pensamento de que ele não mais existe...

Não "realizo" absolutamente o seu desaparecimento, nem que, de fato, ele já se tenha dado há quatro anos. Parece que

era ainda ontem. Mas, que representam quatro anos para a saudade, quando tantas e tão belas imagens continuam gravadas? Não somente eu o revejo, com a sua fisionomia trabalhada pela vida, mas, sempre iluminada e sempre tão moça apesar da idade, com a maravilhosa luminosidade dos seus olhos, ainda ouço aquela voz, ao mesmo tempo surda e vibrante, que sustentava tão pesada carga de pensamentos e aquele riso cintilante que a constatação de qualquer tolice ou maldade

lhe arrancava! Era profundamente bom, como todas as naturezas simples e autênticas, sempre impregnadas, ao mesmo tempo, de justiça e de exatidão. Considero uma honra para mim ter conhecido semelhante homem, tê-lo amado e servido. Isto vem de longe, de muito longe, quase da minha adolescência. Eramos alguns poucos iniciados que comentávamos, admirando "La Fileuse" ou as páginas de "Méthodes", no "Mercure de France", quanto era lamentável para a literatura o misterioso silêncio guardado pelo autor do estupendo "Monsieur Teste". E o silêncio durou 18 anos, até o aparecimento de "La jeune Parque". Foi como um trovão num céu calmo e sereno. Fui um dos primeiros a saudar nesse maravilhoso poema a revelação de um gênio, decorreio e recitava-o constantemente. Logo que nos encontramos pela primeira vez, ficamos imediatamente amigos, mas confesso que sempre guardei certa distância, pelo sentimento, de nenhum modo humilhante,

CHOPIN

PEREIRA DA SILVA

**OUTONO. OCASO. CHUVA. CÉU DE LUTO.
QUE VONTADE EM MINH'ALMA INDEFINIDA
DE OLVIDAR. — NEM QUE FÔSSE UM SÓ MINUTO,
AS TRISTEZAS RECONDITAS DA VIDA!**

**ALGUÉM TOCA CHOPIN. CERTO A VIZINHA,
UMA CRIATURA DE ALMA DESOLADA,
CORPO ENTANGUIDO, TRÊMULA PASSADA,
DESILUSÃO, TALVEZ, IGUAL A MINHA...**

**CHEGO Á JANELA PARA OUVIR-LHE O PIANO.
A CHUVA AUMENTA. A ESCURIDÃO CRESCE.
AH! SE EU FÔSSE CHOPIN! AH! SE EU SOUBESSE
DIZER AO MUNDO O MEU PESAR-HUMANO!**

Com este título, o escritor Alcantara Silveira, em "São Paulo nas Letras e nas Artes", seção que mantém no suplemento literário de "A MANHÃ", do RIO-LETRAS E ARTES, publicou o seguinte:

"São Paulo possui agora um suplemento literário á altura do seu prestígio artístico. Sempre reclamamos contra os nossos pseudo suplementos que não passam de uma página de jornal, quase semelhante ás outras em que se anunciam cremes de beleza ou crimes horripilantes.

da sua grande superioridade. É verdade que él nunca me fez sentir isso, nem nunca fez a mim os leve alusão. Tratava-me como seu igual, como camarada, e se nas suas palestras demonstrava uma acentuada preferência para os assuntos divertidos, pelas blagues, não era para se pôr ao meu alcance, mas simplesmente pela vontade natural de descansar, de descer das alturas da sua torre de marfim para, pelo braço de um amigo, dar um passeio por entre os canteiros modestos e floridos da vida quotidiana. Mas eu não era para ele apenas o informador solícito e o cúmplice das horas de recreio. Valéry sabia que o meu culto pela sua poesia tinha raízes profundas. Abordava comigo os mais graves temas sempre no tom da mais afetuosa familiaridade e, até nisso, se revelava a sua suprema elegância. Sobrevoava todas as coisas sem o menor esforço, sem nenhuma pose. A sua força de pensamento, o prodigiosa cultura, a acuidade das suas percepções apenas transpareciam por alusões e neste demonstrava bem ser um poeta. E as alusões eram por tal forma delicadas que era necessário segui-lo com extrema

Um bom Suplemento Literário

Agora, porém o "Jornal de São Paulo", recentemente aparecido, nos brindou com um suplemento literário que pôde ser colocado ao lado de "Letras e Artes" e do "Correio das Artes", da "A União", de João Pessoa. É um suplemento decente, que pôde ser folheado sem que nos deixemos corados de vergonha: nada de desenhos coloridos, nada de reporta-

atênção para compreender-lhe o sentido substancial e secreto através da finura radiosa da expressão. Uma hora passada em sua companhia era uma delícia incomparável, pois, todos os assuntos, desde os pontos de vista filosóficos aos mais picantes falatórios, eram tratados dentro do mesmo clima jovial e alegre. Tudo isso porque Paul Valéry, indulgente e sereno, considerava com a mesma bondade os atos mais diferentes e contraditórios

gens escandalosas, nada de biografia de artistas de cinema ou de criminosos célebres.

O suplemento literário do "Jornal de São Paulo" é um espelho no qual se devem mirar os responsáveis pelas páginas literárias dos jornais paulistas. E aqui é preciso que se diga: a culpa nem sempre é deles, organizadores. As vezes eles têm boa vontade

dos pobres seres que nós somos neste planeta incompreensível. Caro Valéry! Nunca acabaria de desfiar as belas recordações que de lá guardo. Mas, não quero perturbar estas páginas sem recordar o dia em que, na minha casa, recostado na cadeira de trabalho, leu "La Cimetière Marin", que acabara de compor. Pediu a minha opinião... Acho que a emoção silenciosa que percebi no meu rosto foi uma resposta suficiente... Não creio que emo-

querem fazer uma coisa direitinho, mas existem os interesses lá de cima: "o jornal foi feito para dar lucro e não para imprimir poemas do sr. Murilo Mendes" etc. e tal... Esse negocio de literatura é hobagem, ninguém lê. O que o povo quer é ler diários, de Eva Braun, de Mussolini, as memórias de Barreto Pinto e os crimes do Dioguinho. (a proposito dizem que o Amoroso Neto, depois de terminar as aventuras de Dioguinho, vai escrever o diário íntimo de Mussolini).

ções daquelas possam se apagar da minha memória.

Noticias

HISTORIAS LITERARIAS

NA sua coleção "Biblioteca do Pensamento Moderno" a Editora Ipê já incluiu três volumes dedicados ao estudo da evolução da vida literaria de determinados povos. São eles: HISTORIA DA LITERATURA RUSSA, de Paulo Chostakovski, HISTORIA DA LITERATURA ITALIANA, de Attilio Momigliano e HISTORIA DA LITERATURA NORTE-AMERICANA, de Thomas H. Dickinson.

O QUE VAMOS LER

JOSÉ Paulo Moreira da Fonseca já entregou ao editor os originaes do seu segundo livro, "Poesia".

OUTRO poeta da nova geração, Olympio Monat da Fonseca, vai estrear em outubro próximo com o volume de poemas "Cantos".

ADONIAS Filho, autor de "Os Servos da Morte" concluiu a primeira parte do seu novo romance "As Memórias de Lázaro".

CORREIO DAS ARTES

Em virtude da escassês de papel, este suplemento circula hoje com, apenas, 8 páginas.

No próximo número, voltará, á sua edição normal.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redatores:

CARLOS ROMERO — DULCIDIO MOREIRA
GEORGE MATTOS — JUAREZ BATISTA

Revelações de uma Antologia

RAIMUNDO SOUZA DANTAS

A lém de significar um documento de maior importância, dentro da literatura nacional, a "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil" significa a estréia em livro para diversos autores nela incluídos.

Muitos dêles mal conhecidos do publico, como Gasparino Damata, Renato Sérgio, Moreira Campos, etc. Se, porém, tenho eu uma divergência a levantar em face do critério com que a "Antologia" foi organizada, ela prende-se exclusivamente à presença de autores como Fran Martins ou José Carlos Cavalcanti Borges. Uma divergência sem dúvida alguma, a favor daqueles escritores, que também não é contra a Antologia. Trata-se de um agrupamento de produções de autores novos, isto é, de escritores que surgiram, pode-se dizer, de 40 até os nossos dias. Reclamaria eu a favor de uma hierarquia, o estabelecimento de um rigor pelos menos no caso em questão, quanto a quem deve ser considerado como escritor "novo", não como valor, mas no sentido de aparecido depois de certa época. Mas, contra mim estaria Saldanha Coelho que diz, na sua rápida nota explicativa ao volume, que a expressão "novos" fôra usada para entender que se lhe deve dar sentido mais extenso "compreendendo não apenas os que são "novos" no tempo, mas também os que são "novos" por que, embora menos jovens, só agora surgiram. Não é o caso, mas isso está sanado, e bem sanado, com as revelações oferecidos pelo diretor da nossa querida

"Revista Branca". Ao lado de Braga Montenegro, escritor novo de importância, como também o são Murilo Rubião, Bernardo Gersen, Bruno Accioly ou Xavier Placer, é com emoção que entramos em contacto com autores como Gasparino Damata ou Carlos Castello Branco, Renato Jobin, Saldanha Coelho ou Pedro Masi, sendo porém êste último de uma fragilidade que talvez, se cultivada ao sentido poético, venha a ser a sua qualidade. Mas perdoe-me Léo Ivo, um dos poetas de meu retiro, como também me desculpe Cláudio Tavares Barbosa ou o amigo distante Vasconcelos Maia, não tratar especialmente de seus contos, coisa para mim fácil, pois já saberia o que dizer de cada um.

Quero aqui me deter em três autores, recolhidos na "Antologia", sendo o primeiro dêles Gasparino Damata e os outros dois, Saldanha Coelho e Castello Branco. Três espíritos bem diversos, não só na concepção que têm do conto, mas também em suas ambições e na atitude que tomam em face de suas limitações.

A literatura brasileira peca pela eusência de uma força nova. Não quero dizer que um daqueles autores a contenham em si. Castello Branco, é um influenciado por Machado de Assis e, bem mais perto de nós, por Marques Rebelo — o mesmo podendo se dizer de muitos dos antológicos, com a exceção de Bruno Accioly, que se destaca neste particular como jovem escritor escritor personalissimo.

Saldanha Coelho debate-se entre Katherine Mansfield, Tchekov e êle mesmo. Como Saldanha Coelho, muitos outros da "Antologia", e apontaria Ligia Fagundes Teles e José Carlos Cavalcanti Borges. Finalmente, Gasparino Damata, sem a proximidade com qualquer dêstes autores, selvagem pelas suas escolhas de temas, indócil, representando uma força, que se não transpôta para a sua arte, terminará por consumi-lo, parece na verdade trazer algo de novo. "O Segredo" é um dos trabalhos confidos pela "Antologia" digna de nela estarem, isso pelo que significa a realização da nossa "Revista Branca".

Leitor de Faulkner e dêle se aproximando pela tragicidade do destino de suas criações, amando Conrad e nêle encontrando o eco de suas insatisfações e dramas vividos no mar, últimamente abeberando-se no fonte de Graham Green e trazendo afora de si uma experiência de vida fabulosa, o autor de "O Segredo" contém em si todos os elementos para construir uma obra de importância. A beleza tragica de seu conto já é uma amostra. O seu mundo, o dos marinheiros, o seu universo, o do mar, o seu mistério, o dos destinos de homens consumidos pelo demônio do vicio da insatisfação ou do desespero, são valores que reclamarão de Gasparino Damata disciplina e método, estudo e penetração dos fantasmas e dramas que traz no cérebro tornando-se quase alucinado como várias vezes

me pareceu. Ressente-se "O Segredo" desta penetração psicológica e de um tratamento estilístico mais firme. Êste, é o Gasparino Damata revelado pela "Antologia" digno de lado de Bernardo Gersen, Xavier Placer ou Vasconcelos Maia, o contista baiano que arranca seus temas da natureza que o cerca, do homem sem horizontes, que vive esmagado por esta mesma natureza.

Diferente, pela escolha dos seus temas, e pelo tratamento dos mesmos como também pela concepção de vida que parece ter, é Saldanha Coelho, tal como Castello Branco. O último mais realizado. Saldanha Coelho, porém mais inquieto, já dono de um estilo original, sem dúvida mais "tom" de que mesmo "realização". O escritor tem melhores contos em face do que apareceu no livro. O da Antologia não chega a ser um conto; é uma narrativa, bela e bem apanhada, destacada com vigor de uma soma de outras circunstâncias.

A respeito dos demais componentes da "Antologia", cabe salientar o bom gosto da escolha de cada um dos autores, pois o julgamento já foi feito por outros. Lamentamos porém, que lá não estejam Maria Julieta Drummond de Andrade, Eliezer Burlá e Ricardo Ramos. Ai está o primeiro lançamento da nossa revista, um volume que ficará de pé em qualquer estante e que, como já disse tornou-se, mal sabia do prelo, clássico como obra do gênero.



A ESCULTURA NA FRANÇA DE RODIN AOS NOSSOS DIAS

WALDEMAR GEORGE

A exposição "A Escultura na França, de Rodin aos nossos dias", foi organizada pela revista "Art et Industrie" nos vastos jardins, nos terraços e nas salas da Casa do Pensamento Francês, á Avenida Gabriel. As obras de estilo monumental foram colocadas ao ar livre. Os bustos e as obras de pequenas dimensões foram dispostas num cenário mais íntimo. Os organizadores, Max Fourny e o autor destas linhas, que serve de auxiliar do belo estamúrio Raymond Martin autor, com Robert Wlérick, do monumento a Foch, procuraram criar harmoniosas relações de dimensões entre os bronzes ou as pedras e o seu meio natural e arquitetura. A

NO ESPELHO

GUERRA DE HOLANDA

MOSTREI AO ESPELHO
A IMAGEM AFLITA
O ROSTO JOVEM
NÃO MAIS HAVIA
ONDE ESTARIA
A CRIANÇA ALEGRE?
ONDE ESTARIA
A ESPERANÇA
QUE TODA MÃE
TEM PARA O FILHO?

**NO GRANDE ESPELHO
DA VELHA CASA
A IMAGEM AFLITA
SE DECOMPÓS
E OS CACHOS NEGROS
E A CALÇA CURTA,
REAPARECERAM**

**REAPARECERAM
MAS LOGO FÓRAM
SEM MAIS DEMORA**

**E AS VELHAS RUGAS
ESTÃO DE NOVO
SÃO AS TRISTEZAS
QUE ESTÃO AGORA
REPRODUZIDAS
NO VELHO ESPELHO**

**POR QUE NÃO VOLTA
A CRIANÇA ALEGRE?**

exposição agrupa, em primeiro lugar, um importante conjunto de obras de Rodin e dos seus sucessores que, quase todos, são seus filhos espirituais.

O mestre da Idade do Bronze domina esta manifestação com "Adam et l'ombre" que serve de moldura ao "Herakles Archer" de Antoine Bourdelle. A escadaria que domina os jardins foi reservada para os grandes mortos. Rodin e Antoine Bourdelle são vizinhos de Maillol, Josep Bernard, Despiau, Renois, Marfray, Sennegg, Jane Poupelet, Pompom e Gargallo.

Criador da escultura-cubista, Raymond Duchamp-Villon, que tomou no campo de honra durante a primeira guerra mundial, é representado pela "Tête de Cheval" e pelo "Cheval". Os jardins abrigam um certo número de encomendas do Estado: "Le Monument à Carle Verri" de Raymond Marfa e "Groupe de jeune filles" de Lipsin, a "Figue", de Volti. Notam-se também, sob as sombras de carvalhos centenários, o "Monument aux morts", de Longuet e a "Cité Martyre" de Assipe Zadkine. Este ultimo monu-

mento foi destinado á cidade de Rotterdam. Duas outras secções merecem ser mencionadas. Formam os dois polos de uma exposição cujo objeto foi valorizar todas as tendencias vivas da arte contemporânea. O primeiro poderia ser qualificado de Galeria de Bustos. Reuniram ali uma seleção de retratos por Schnegg, Maillol, Depiau, Gimond, Duchamp-Villon, Iché, Kretz, Poisson, Wlérick, Couturier e Hélène Guastalla. Todas essas obras testemunham a presença do humano. Advogam a favor da permanência de um humanismo vivo. Na outra extremidade do edificio da Avenida Gabriel a arte não-figurativa afirma a vontade de romper com uma civilização moldada por Atenas e Roma. Henri Laurens está ao lado de Lipchitz, Bruckner e Calder, Hans Ép e Peyrissac. A mais evolucionária forma de expressão (senão a mais perfeita e a mais completa) da escultura moderna parece ser um "Monument" de Calder, branco e monstruoso que está fixado no forro por meio de cordéis muito finos e que oscila pela ação do mais grande golpe de vento.

Os sufrágios da imprensa foram para "La Paysanne Catalane" de Gouzaléz, um escultor de origem espanhola que morreu em Paris. A estátua é feita de placas de ferro, soldadas a auogêno. A confecção é mística e bárbara, como a dos ídolos negros. Mas o espírito que a anima é regional e baarrista. O personagem inventado por Gouzaléz emparelha-se com as Heroínas bizarras de Garcia Lorca. Vai reunir-se assim aos mais puros produtos de folklore ibérico.

BALADA DO RECIFE

JOSÉ SARNEY COSTA

O CAPIBARIBE
CHORA E ROLA
NOS BARROTES,
MAS NÃO TRISTE
COMO A VELHA
QUE MENDIGA
SOBRE A PONTE.

**E QUEM PASSA
E QUEM VEM
E QUEM JÁ FOI
JAMAIS SE LEMBRA
QUE UM VENTRA
COME VENTO
E SONHA PÃO.**

**E OS RAPAZES
DAS REGATAS
COMPRAM SEXOS
JOGAM BEIJOS
E NÃO MEDITAM
NA GARGANTA
DOS FAMINTOS.**

**AS LIMOUSINES
QUE PASSARAM
E AS QUE VÊM
DÃO FUMAÇAS
DE DESPREZO
PARA AQUELES
QUE NÃO VÃO.**

**E O CAPIBARIBE
CHORA E ROLA
E NINGUEM SABE
QUE ÊLE CHORA
PELA VELHA
QUE MENDIGA
NA PONTE DA BÔA VISTA.**



QUADRO DE LUTHER ROBERTS

Letras Rumanas**Ambiente e Alma do Povo Rumeno**

ALEXANDRA HORTOPAN

I

É tão longe, tão remota esta terra da qual quero falar-lhes hoje, que parece o país encantado e triste dum sonho, dum lenda cheia de lágrimas e de renúncia...

x x x

Pampas infinitos estendem-se á sombra de montanhas orgulhosas, de colinas risonhas e de velhas florestas que rezam no ar morno da tarde. As ondas preguiçosas do Danubio correm entre salgueiros prateados para junta-se ás aguas selvagens do Mar Negro... Os cumos cobertos de neve dos Carpatos coroam um planalto coberto de pastos esverdeados. Cascatas cantam em redor deles, e grotas profundas cortam a parede de pedra. Selvagens e indomáveis correm os rios entre as rocas aponiadas, para depois escorregar lentamente entre os campos dourados onde o vento acaricia o trigo amadurecido sob o beijo cálido do sol. Perfumes suaves, apenas perceptíveis, sobem dos pomares em flôr para perderem-se nas nuvens brancas. Flores, flores humildes e orgulhosas, pequenas violetas e lírios magestosos, cravos exóticos, papoulas sangrentas crescem em profusão em toda parte. E em cima, bem em cima, nas alturas vertiginosas da neve eterna, vive, solitário e puro, o Edelweiss, a "Flor da Rainha", branca e aveludada, como a neve, remota como os sonhos que rodeiam o Morro das Studrites...

No inverno, um manto de neve, de gelo e de geada cobre o país in-

teiro, das montanhas selvagens do Maramuresch até a beira fértil do Danubio. E a floresta, a velha, misteriosa floresta rumena, em cujo canto chora a eterna amargura dum povo que nunca alcançou a felicidade. Hordas de lobos famintos correm á procura de comida nos campos desertos, entram nas aldeias mais isoladas, atacam os rebanhos, lutam com os pastores e com os cachorros do gado. Raposas espertas entram nos galinheiros e corvos voam no céu carregado de chumbo. A neve apaga o ruído dos passos e do trem, o som da voz, o barulho da casa vizinha. Tudo dorme... tudo espera...

A primavera começa com os primeiros "perce-neige", com os primeiros e frágeis fiozinhos de trigo, cujo verde pálido e fresco anuncia a ressurreição da natureza. Uma por uma, as árvores tornam-se verdes e florescem. O camponês começa a arar, a semear, a trabalhar a terra gordurosa e úmida e os pastores agrupam os rebanhos para subirem na solidão da montanha acolhedora e serena... Voltam da Africa as cegonhas, andorinhas, os guindastes e os gansos selvagens; despertam-se os ursos e as víboras da floresta do seu sono invernal. Amadurecem os campos e as cerejas e o sol ardente queima a grama amarelecida.

Constanza e as outras cidadezinhas de verão á beira do mar, abrem as portas a milhares e milhares de turistas do mundo inteiro.

A praia de Mamaia, uma das maiores da Europa, transforma-se num formigueiro elegante, e em Tekirghiol, a lama bem-feitora devolveu a saúde a milhões de doentes atingidos de raquitismo, de paralisia e de tuberculose óssea.

Outros milhares, amadores de alturas, que gostam de sonhar na sombra fresca dos pinheiros, invadem os Carpatos: Sinaia, Predeal, Bicz, Vatra, Dornei, Tunsad... Fontes de agua mineral espalham-se em toda a cordilheira dos Carpatos e no planalto transilvano, atraindo, desde o tempo mais antigo, cada ano milhares de doentes. Afluem tambem os visitantes para os velhos mosteiros, cheios de recordações, onde ainda vive a alma mística de poeta, de sábio, de artista dos monges de então... Tismana, Hurez, Putna, Suceava e outros e outros, todos monumentos da gratidão de algum Voived para o milagre duma guerra na qual vencera o inimigo dez vezes mais poderoso...

É a colheita na roça, e a canção dos cortadores une-se ao canto dos passarinhos. Começam a amadurecer as ameixas, as maçãs, as peras e as uvas, uma das maiores riquezas desta terra fértil e generosa, o quinto país vinícola do mundo... Voltam para a aldeia os rebanhos de ovelhas e despedem-se de novo as cegonhas e os guindastes... Geada e brumas começam a morder o arvoredo, cujas folhas ruiças morrem e espalham-se no chão. Inicia-se a colheita do milho e as

lavouras de outono. Semear-se o trigo e a cevada, que dormirão sob o manto protetor da neve cintilante.

x x x

Há uns três mil anos, vivia na planície do Danubio e nos vales dos Carpatos o povo guerreiro e orgulhoso dos Dacos, cujas mulheres eram famosas em todas as partes do mundo antigo pela sua beleza suave e empolgante e pela doçura cálida da sua voz. Os olhos destes guerreiros eram olhos de sonhador, cheios de tristeza, de sonhos e de aspirações. Olhavam para o céu de turquesa e para a prata fosforescente da lua e das estrelas, e um mundo de ideais místicos nascia neles, confundia-se nas suas almas ainda ásperas e primitivas. Na morte eles não viam o fim da vida, a noite eterna das trevas desconhecidas. Para eles, a morte era a realização suprema de todos os desejos, de todos os destinos. Acreditavam na felicidade da morte e desprezavam a vida cheia de angústia, de lutas árduas e desiguais e de injustiça desta terra. Não tendo medo de morrer, eles andavam ao encontro da morte com o sorriso nos lábios, e os outros povos admiravam-lhes o heroísmo.

Viviam dos produtos da terra rica em trigo e pastos, da caça e da pesca, abundantes nas florestas, nos rios e no mar, e trabalhavam o ouro dos Carpatos ocidentais e o ambar dos Carpatos orientais em joias de raro acabamento artístico. Vestiam-se de peles de

ovelhas ou de fera e de roupas de linho branco, calçavam uma espécie de mocassim curto em couro de porco, pegado ao pé com barbante de couro, e na cabeça usavam um bonet de pele. Adoravam Zamolxe, o espírito todo-poderoso do bem, ao qual mandavam cada ano, um mensageiro: o jovem mais valeroso da cidade era jogado no ar e caía nas pontas das lanças dos guerreiros.

Não tardou muito este povo orgulhoso a entrar em conflito com as legiões de Roma, as quais foram vencidas, sendo o maior império do mundo obrigado a pagar um imposto á pequena e quasi desconhecida Dácia...

Chegou porém a ser imperador em Roma um jovem, cujo dinamismo devolveu-lhe a glória dos Césares. Na luta de vida e de morte entre a organização, a disciplina política e militar e a ética romana, e o idealismo fanático e orgulhoso, o desprezo selvagem da morte e do sofrimento dáxico, este ultimo houve de succumbir. Diz a história:

"Quando as legiões vitoriosas de Trajano aproximaram-se da cidade de Sarmisegetusa, as mulheres ascenderam o fogo em todas as casas, para o inimigo encontrar-se com um mar de chamas. O rei Decebal reuniu os generais e conselheiros na sala do trono, e todos beberam o veneno preparado numa caldeira de ouro pela linda Andrada, a única filha do velho rei. Foi ela quem recebeu o exército triunfador nas portas da cidade em chamas e entregou as chaves ao homem que amava. Mas quando Trajano quis tomá-la nos braços, só abraçava uma morta..."

Chegaram então os colonos romanos. E fundiram-se estes dois povos tão diferentes — os sonhadores duros e frios das florestas impenetrá-

veis, e os lutadores, os construtores dinâmicos e ativos do Latium — fundiram-se numa raça nova, em cujas veias corre a melancolia tenaz e fria dos dácios e a inteligência viva e brilhante dos romanos.

Viveu esse povo quasi um milênio na noite a mais escura e nada se sabe a respeito das suas lutas, dos seus sofrimentos, dos seus sacrificios neste período amonremado. Situado na encruzilhada de Oriente com o Ocidente, sofreu todas as invasões bárbaras que se passaram pela morte e a destruição, e só sobreviveu aos assombramentos e nos vales profundos e desconhecidos dos Carpatos. A história rumena começa aceser do décimo quarto século, com a fundação do principado de Muntenia, no Sul e da Moldova no nordeste — uma história sangrenta, cheia de lutas ásperas, vitórias gloriosas e dolorosas derrotas.

Mais ou menos nessa época, o planalto da Transilvania, o berço mesmo da velha Dácia, foi invadido pelos bárbaros maghiaros, sob cujo dominio ficou até 1918.

No entretanto, os dois principados viviam suas histórias paralelas através os séculos. Mesmas guerras imperdoáveis, feroces, destruidoras... ás vezes vencidas, muitas vezes vitoriosas contra os invasores turcos, tártaros, maghiaros e russos. Mesmas cidades em chamas, vilas devastadas — mesma luta perseverante para a liberdade completa, para a segurança económica e política, para uma cultura própria, rica e variada.

Vultos heroicos aí e ali: Vlad Tepez, o príncipe que aniquillou a desonestidade. Micea, o bom, vencedor do grande Bajazed; Stefan, o herói do décimo quinto século a quem o próprio Papa admirava, chamando-o de "atleta de Cristo", embora sendo êle de reli-

gião grego-ortodoxa. Deamna Kiajna, um dos maiores vultos de mulher da história; Miguel, o glorioso clarão que foi o primeiro a reunir todos os rumenos num estado só. Brancoveanu, o mártir da fé cristã que morreu esfolado vivo em Constantinopla, e outros, e outros, uma infinidade de heróis e de mártires...

O século XVIII foi o período de sofrimento agudo e degradante da dominação janariote. O príncipe, nomeado pelo sultão, era um aventureiro qualquer que comprava o seu trono, explorando depois o povo, sem a menor vergonha e introduzindo a corrupção na vida publica.

Surgiu então na Muntenia a figura lendária do "haiduc" Jancu Jianu, o fidalgo bandido, cuja vida romantica e aventureira marcou o começo do século XIX e a revolução do camponês Tudor, abrindo o caminho para a união dos principados; veio mais tarde a independencia completa sob o ceptro do primeiro rei rumeno, Carol I, da familia Hohenzollern coroado rei neste mesmo dia 10 de maio que vira, alguns anos atrás, a independencia rumena.

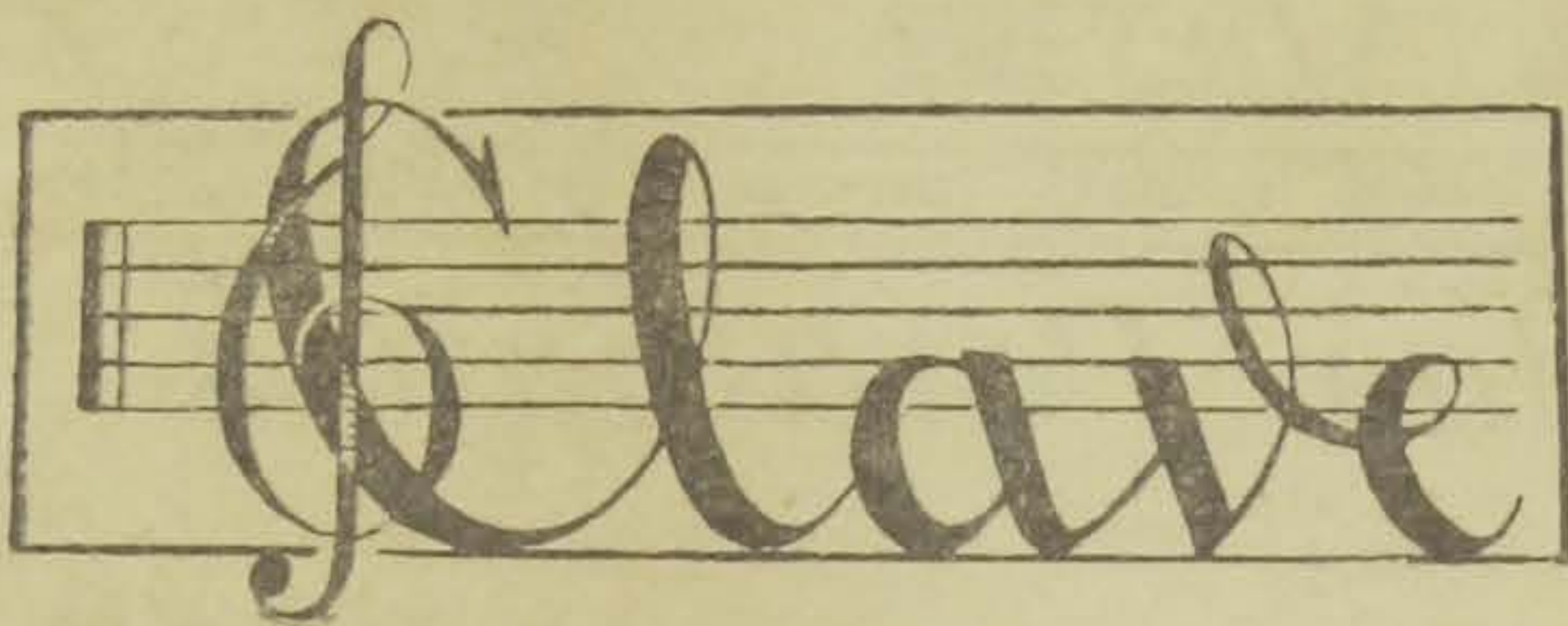
Tantos séculos de sofrimento, de lutas, de terror e de devastações não passaram sem deixar vestígios profundos na alma do povo rumeno. Vive nos olhos e na poesia dêle uma melancolia profunda e amarga carregada de resignação carregada de dôr e de sonhos jamais realizados. Sereno perante a morte, o rumeno não a teme. Esta lhe é a amiga fiel, talvez a grande libertadora que há de quebrar as suas cadeias. Deseja a morte com uma estranha nostalgia que vibra na sua música, na sua poesia, nas suas lendas. Talvez tenha êle ainda a fé dos dácios de encontrar um mundo melhor.

O rumeno sempre tem saudades... indefiníveis, infinitas saudades dum sonho jamais alcançado, dum ideal longínquo e desconhecido, para o qual sempre, sempre esperará com a mesma serenidade resignada e fria.

E chora a doina entre as montanhas desertas, chora nos marges esverdeadas do Danubio, chora nos corações dos camponeses e nas ondas selvagens do mar... A doina carregada de sofrimento, carregada de saudades e de indefiníveis esperanças. Resignado e triste, o rumeno canta e esquece, na infima doçura de sua voz, o munda e miserável injustiça da vida... A amarga melancolia que vive na sua alma oprimida, chora nesta canção especificamente rumena, envolvendo a natureza inteira num véu invisível de fria e áspera paixão...

O rumeno canta a melodia da doina, mas prefere tocá-la. O seu instrumento é o "fluer", uma espécie de flauta de madeira, de construção rudimentar, ou o cimpoi, a gaita de fole do escossês. Os musicistas ciganos que ainda se encontram em algumas aldeias esquecidas... ou nas boites chics da capital, usam a "cobza", uma espécie de bandolim original. Hoje em dia, até na roça os velhos "lautari" ambulantes vêm a ser substituídos por pequenas orquestras locais, usando instrumentos modernos. Mas o "fluer" não morreu e enquanto os pastores rumenos conduzirem os rebanhos nos pastos esverdeados dos Carpatos, ali cantará a dolorosa melodia da doina eterna...





NÃO MAIS

JOÃO DA VEIGA CABRAL

A manhã, 17, precisamente às 4 horas, extingue-se o primeiro século a contar do momento em que morreu Frederico Francisco CHOPIN.

Somente trinta e nove anos de existência lhe concedera o destino, exigindo, em troca, um tesouro de arte com que engrandeceria e nobilitaria a espécie humana. Como Schubert, como Schumann, ele teria de pagar com flores e estrelas cada hora, cada dia de uma vida mesquinamente curta, entristecida pelas sombras constantes de mil sofrimentos físicos e morais. O gênio não é uma dívida da existência, mas, sim, uma eleição para o martírio. Glória aos que receberam a sua luz. Ah! — porém — dessas pobres-frontes iluminadas, desses grandes corações crivados de angústias...

— x —

Relembremos, por instantes, — como uma singela homenagem ao grande artista — algumas cenas dos últimos dias, das derradeiras horas que viveu Chopin.

Ele amava e amou a vida, até os seus últimos instantes. Sentimos isto através do que conta um seu amigo, que o assistiu até o fim. "A 13 outubro — narra esse amigo — Chopin recebeu os Sacramentos das mãos do Padre Jelowicki, seu amigo de infância. Depois de haver confessado e comungado, Chopin tomou o crucifixo, be-

itou-o e se pôs a chorar..."

E se pôs a chorar. Que mundo de dores e angústias a gente entrevê nestas simples palavras! Inútil comentá-las porque elas dizem tudo.

A 15 de outubro, o gênio moribundo ouve música, pela última vez. Pela vez derradeira o seu coração supliciado palpita mais aceleradamente ao eflúvio da Arte Divinal. Visita-o a Condessa Delfina, sua amiga querida. Ele todo se alegra e se agita, àquela presença bem amada. E lhe pede que cante para êle. Ela o atende, contendo os soluços e, com aquela sua voz formosíssima, entoa o "Cântico da Virgem". As lágrimas lhe rolam pelas faces. Os presentes também não os podem conter. Chopin, porém, sorri, extasiado. E murmura, comovido: "Que formoso, meu Deus!... outro... outro..." A Condessa o atende. O Artista quer adormecer, embalado pelo seu canto, como uma criança enferma. E o "Salmo" de Benedetto Marcello ilumina o aposento com a sua melodia puríssima. O doente, porém, não resiste a tão fortes emoções! Uma síncope priva-o dos sentidos. Os amigos que o cercam caem de joelhos, rezando. E foi assim a última noite que o poeta-músico passou entre os vivos...

— x —

Aproximava-se, celeremente, o momento supremo. As sombras in-

vencíveis do Grande Crepúsculo desciam sobre aquele Sol da Arte, cercavam-no, apagavam-no, inexoravelmente. Pela manhã do dia 16, Chopin, que havia por algumas horas perdido a voz, recobrou-a, nas instantes, e — diz um biógrafo — "pôde despedir-se de todos os amigos presentes, em meio da maior tristeza, onde o choro era mal contido e as lágrimas banhavam todas as faces".

Ao anoitecer, o seu amigo Padre Jelowicki recitou as orações dos agonizantes. E o Artista, em cuja alma já a luz da Grande Certesa Cristã voltara a habitar, pôde ainda responder: "Amém".

Momentos depois, Gutmann, seu discípulo bem amado, consegue fazê-lo beber um gole d'água. E a ternura com que Chopin queria aos que o queriam, transparece nestas palavras com que ele agradeceu aos que aliviava a sua sede: "Caro amigo..."

A Morte torna-se, porém, misericordiosa quando se apodera, de vez, da sua vítima. O

sofrimento abandona o moribundo. Já alta noite, o médico Dr. Cruveilhier, aproximando uma luz do rosto do enfermo, perguntou-lhe se sofria. E Chopin respondeu: "Não mais..."

Não mais. Foram estas as últimas palavras do Gênio. Não mais a dor, a angústia, as dispnéias, as hemoptises. Não mais o medo, o horror de todas as horas, o sentimento horrendo de marchar, constantemente, à beira de um abismo. Não mais a visão atormentadora de uma Pátria adorada sob o opróbrio de uma perene escravidão. Não mais a saudade das criaturas que amava que se tornaram antes dêle. Não mais a lembrança humilhante, cruel, daquela noiva a quem tanto quisera, Maria Wodzinski, que o renegado, na hora do infortúnio...

E, às quatro horas da manhã de 17 de outubro de 1849, apagava-se a grande luz que a Polónia acendera para a Arte. Frederico Francisco Chopin entrou na outra vida sobre a qual "não mais" a Morte poderá exercer o seu domínio...

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(Conclusão da última página)

O terno orvalho do pranto
Por tua ausência pungente,
Frisa, como por encanto,
Da saudade a flôr dolente
Desse floral que, no entanto
Floresce, continuamente

Sua meiga jardineira
De procurar-te não cansa!
Zeladora verdadeira
Denominada esperança,
Passa o dia e a noite inteira
Até regar na ler branca.

Queira Deus, formosa esquivar,
Por sua bondade imensa,
Sempre a zeladora viva
Na imprescindível sentença,
De regar-lhe a sempre-viva
Desse amor, divina crença.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

ANTONIO DE AZEVEDO

1882-1922

Antonio Roviano de Azevêdo nasceu na Bahia da Traição, município de Mamanguape, a 17 de setembro de 1882.

Eram seus pais: Antonio Roviano de Azevêdo e d. Ana Eufrosina de Azevêdo.

Educou-se na cidade de Mamanguape, seguindo depois, para o Recife. De volta á capital do seu Estado, foi, Antonio de Azevêdo, nomeado funcionário público estadual, tendo exercido, entre outras funções, a de administrador do Abastecimento d'Água da Capital, no Buraquinho, e, posteriormente, escriturário da Secretaria do Palácio da Redenção, no governo Solon de Lucena..

Faleceu, trágicamente, em Recife, aonde fôra em busca de melhoras para a sua saúde, gravemente alterada, no dia 6 de novembro de 1922.

Publicou: "A Cruz de Ouro", poema, Imprensa Oficial, Paraíba do Norte, 1915; "Harpas", poesias, Imprensa Oficial, Paraíba do Norte, 1917; "Hesternus", versos, Imprensa Oficial, Paraíba do Norte, 1920.

ONDE?

Ha muito que não vejo a praia onde, menino,
Brincava aos maceiós, pela maré vasantel
Temendo o velho oceano em seu vai-vem constante
Que ao prisma da saudade, agora descortino.

As ondas a cantar de misticismo um hino,
Bocejando ao cristal da espuma flamejantel
Borboletas de prata em campo azul, gigante,
As velas a mercê do vento audaz, marino

Problema singular da mater-naturezal...
Onde e como encontrar a tua solução?
Na Monéra? no Cáo? responde por teus lábios...

E o silencio: não vez? nesta imortal beleza
Que aos ditames traduz da lucida razão,
A grandeza de Deus e a pequenez dos sábios.

INSEPARABILE

Da saudade no marmore talhada,
Qual vestigio de um bem que não se alcança,
Do passado idéal, vibra-me em cada
Fibra do peito a intermina lembrança!

Nuvem de luz, promessas de honança
Pelo céu das miragens dissipada,
De minhas ilusões, cêdo, a esperança
Tombou no pó, baratro do Nada!

Sonhos mortos de amor e de vaidade,
Velhice, maguas, fundos desenganos.
Tudo esvaiu-se ás mãos da eternidade.

Do futuro antevejo nos arcanços...
Menos esta lembrança que me invade,
E mais se aviva com o passar dos anos!

ADEUS, MOCIDADE!

Ao cel. José Pereira Lima, afetuosamente.

Conta a minha existência meio dia
No relógio tão célere e inconstante
Da vida, cujo outono em meu semblante
Da velhice os sintomas inicia.

Das ilusões o sol que nutre a vida,
Fazendo-se-lhe abrir a flôr do sonho,
Da esperança no poente, assás tristonho,
Busca a fronte pousar, enlanguecida.

Inspirada poetisa de nascença,
Do passado a lembrança tange a lira,
Vibrando as notas de saudade imensa
Que enlevos gratos á minh'alma inspira.

E essa doce harmonia que me embala
Uns restos de quiméra que amortece,
Do bemol da tristeza corre á escala,
Dos sonhos mortos soluçando a prece.

Como o perfume a se evolar das flôres,
Na evolução da queixa e da saudade,
Foge-me d'alma o viço dos amores,
Com o breve adeus de minha mocidade.

ENLEVOS

Do floral de meu desejo
Nevado e doce jasmim,
E's tu qué ha dias não vejo...
Porque te ocultas assim?
Só em sonhos tenho o enseio
De ver-te perto de mim!

Para que por força te ame,
Ao teu perfume sujeito,
Floresce o teu vivo estame
Na região de meu peito.
Que ele, viçoso, se enrame,
Da desventura a despeito

(Conclui na página 15.^a)